



MAGMA REVISTA



16

2020

Revista do Programa de Pós-Graduação
em Teoria Literária e Literatura Comparada
FFLCH-USP



MAGMA REVISTA



Edição 16 – 2020

Revista do Programa de Pós-Graduação
em Teoria Literária e Literatura Comparada
FFLCH-USP

Conselho editorial

Ana Paula Sá e Souza Pacheco
Andrea Saad Hossne
Anderson Gonçalves da Silva
Ariovaldo José Vidal
Betina Bischof
Cleusa Rios Pinheiro Passos
Edu Teruki Otsuka
Eduardo Vieira Martins
Fabio de Souza Andrade
Jorge de Almeida
Julio Augusto Xavier Galharte
Marcelo Pen Parreira
Marcos Piason Natali
Marcus Vinicius Mazzari
Marta Kawano
Roberto Zular
Samuel Titan Jr.
Sandra Nitrini
Viviana Bosi

Comissão editorial

Aryanna dos Santos Oliveira
Beatriz Ramos Rodrigues
Daniel Arantes
Débora Santos Shinohara
Fabiane Secches
Julia Pazinato Izumino
Juliana Cunha
Mariana Silva Bijotti
Lucas Limberti
Natasha Belfort Palmeira
Ricardo Russano dos Santos
Thiago dos Santos Martiniuk

Auxílio executivo

Ben Hur Euzébio
Maria Netta Vancin
Rosely de Fátima Silva

MAGMA REVISTA

Comissão Editorial (USP-FFLCH-DTLLC)
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, sala 33
Cidade Universitária - São Paulo - SP
05508-010
(11) 3091 0003 / 3091 4866 / 3091 4893
magma@usp.br

Logo

CAU SILVA

Projeto gráfico

MARCELLA MONACO JYO

Diagramação

PONTO & LINHA

Capa

DIEGO LIMBERTI

Revisão

COMISSÃO EDITORIAL

Composição

ARYANNA DOS SANTOS OLIVEIRA

DANIEL ARANTES

Produção Técnica

JULIA PASINATO IZUMINO

NATASHA BELFORT PALMEIRA

RICARDO RUSSANO DOS SANTOS

Colaboração

ARIOVALDO JOSÉ VIDAL

EDU TERUKI OTSUKA

JORGE DE ALMEIDA

MICHEL LAUB

NOEMI JAFFE

VIVIANA BOSI

Esta obra foi composta em Lexia e Gotham Narrow, para FFLCH-USP/DTLLC, e diagramada no mês de junho de 2021

EDITORIAL

A edição de *Magma* que agora sai a campo traz como texto de abertura o ensaio “Crítica fora do esquadro: homenagem a Antonio Candido”, assinado pelo professor Edu Teruki Otsuka, originalmente redigido por ocasião do IX Seminário de Pesquisa do Alunos de Pós-graduação do DTLLC, da FFLCH/USP, realizado em maio de 2018. De ângulo original e consequente, o autor investiga uma linha pouco comentada da crítica de Candido: as análises dedicadas àquelas obras tidas geralmente como excêntricas por não aderirem às tendências e às convenções literárias de seu tempo e que, por isso mesmo, acabam ocupando uma posição insólita em relação ao cânone — noutras palavras, a literatura “fora do esquadro”.

Rastreando os textos que se dedicam a esse tipo de literatura, Edu Teruki aponta a recorrência do interesse por obras contracanônicas, demonstrando que não se trata de algo fortuito na crítica de Antonio Candido. A insistência possui ao menos duas dimensões importantes. A primeira é a de que o autor de *Formação da literatura brasileira* articula instâncias aparentemente díspares, crítica objetiva e memória afetiva, mas cujo resultado, diferente do padrão baseado na análise e na pesquisa histórica, não deixa de ser legítimo. A segunda dimensão volta-se para uma constatação nada desprezível: tais ensaios possuem também sentido político, visto que, dirigidos a obras apartadas das convenções dominantes, acabam por valorizar, no passo seguinte, uma atitude contra-hegemônica, oposta ao ritmo real do progresso capitalista. O leitor do texto de abertura desta edição de *Magma* logo notará o alcance das observações feitas por Edu Teruki, entre outros motivos, porque o fracasso do processo modernizador, que se agravava no lugar de atenuar as “iniquidades sociais e econômicas” de nosso país, parece estar novamente na pauta do dia.

Além disso, o conjunto de ensaios de Candido analisado por Edu Teruki tem o mérito de pôr em evidência processos marginais e transgressores (da ordem social e literária) capazes de romper com o curso dominante do mundo. Se lembrarmos do final do célebre ensaio “Dialética da malandragem”, a “desordem” parece não só configurar-se como formalização estética de um traço social, mas apontar para outro modelo de sociedade. O leitor se lembrará das apostas contraintuitivas depositadas sobre o “mundo sem culpa” da desordem, no lugar dos valores puritanos do romance norte-americano ao qual *Memórias de um sargento de milícias* é comparado ao longo do ensaio.

Os paralelos não terminam aí. A “reivindicação da dialética da malandragem contra o espírito capitalista”, como foi sugerido por Roberto Schwarz, era

uma resposta à modernização conservadora que tivera início com o golpe de 1964, episódio de nossa história que é lembrado hoje com um assustador saudosismo. Daí o interesse de Edu Teruki pelos ensaios em que Candido tentou encontrar respostas alternativas para o seu tempo, cujas semelhanças com o nosso presente não podemos mais ignorar.

*

Após o ensaio de Edu Teruki, a seção *Ensaio de curso* apresenta uma nova rodada de trabalhos produzidos para as disciplinas de pós-graduação oferecidas pelo DTLLC em 2017 e 2018.

Abrindo a segunda parte da revista, quatro ensaios que dialogam com a crítica literária de Antonio Candido. Em ‘O romance vendeu a sua alma’: dimensões estética e histórica na crítica de Antonio Candido”, Daniel Essenine Takamatsu Arantes examina algumas das primeiras publicações de Antonio Candido na revista *Clima* e no jornal *Folha da Manhã*, observando como o crítico articulou, na década de 40, leitura estética e processo histórico em suas análises sobre o romance. No artigo “‘Leia na minha camisa’: alguns apontamentos sobre ‘Baby’(1968), de Caetano Veloso”, Márcia Cristina Fráguas analisa aspectos da canção composta pelo músico e busca relacioná-los ao contexto do projeto de modernização conservadora implantado a partir do golpe militar de 1964. Já Adeline Alves Vassaitis, em “Desencanto e utopia em *Quarup*, de Antonio Callado”, expõe uma leitura do livro publicado em 1967 procurando vincular texto e contexto para refletir sobre as formas de figuração da história no romance a partir da diversidade de posições ideológicas, religiosas e intelectuais que marcam o universo ficcional de Antonio Callado. Em seguida, traz ainda um trabalho específico sobre crítica literária: “Antonio Candido: leitor de Machado de Assis – nacionalismos e romantismos”, de Guilherme Beltramin de Faria Rodrigues, que procura analisar os ensaios “Música e música” e “Esquema Machado de Assis”, ambos escritos por Antonio Candido, situando-os dentro da obra do crítico, particularmente em relação aos conceitos de romantismo, de nacionalismo e de literatura.

Os três ensaios a seguir se iluminam de alguns conceitos de Walter Benjamin para realizar análises a partir da figura do narrador, ou protagonista, das obras de Guimarães Rosa, Henry James e Roberto Bolaño, respectivamente.

Na sequência, Gabriel Gimenes de Godoy, no texto “Narrador desconfiado, consciência hesitante: a experiência de “Os embaixadores” de Henry James”,

analisa o modelo narrativo do *reflector* jamesiano para mostrar como esse dispositivo técnico tem fundamento histórico-político preciso. O artigo explora, assim, o funcionamento do ponto de vista narrativo baseado na dupla consciência do protagonista, mostrando, com base na reflexão teórica dos críticos Dolf Oehler e Roberto Schwarz, como o sacrifício da expressão objetiva estaria ligado à impossibilidade da experiência subjetiva pós-1848, quando o estatuto opinativo do narrador se torna uma preocupação para escritores como Henry James, Flaubert e Machado de Assis. Já “Aproximações: o pensamento de Walter Benjamin ecoando no romance *2666*, de Roberto Bolaño”, de Antônio Carlos Silveira Xerxenesky, aproxima Walter Benjamin do romance *2666*, escrito por Roberto Bolaño, relacionando as ideias do protagonista Archiboldi ao conceito de história de Benjamin. Além disso, o autor do artigo retoma “O narrador” e a obra de Benjamin sobre Charles Baudelaire, para tentar aproximar o escritor chileno do ensaísta.

Passando para o trabalho subsequente, Marcelo Freitas Ferreira de Oliveira, em “Prenda que se ganha em lamento”, tece uma análise delicada e atenciosa do poema “Escada” de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1955, no livro *Fazendeiro do ar*, apontando para certa mudança no sujeito lírico empenhado dos anos anteriores (principalmente de *A rosa do povo*) e para uma intensificação na experiência melancólica e fantasmática do amor. Também no âmbito da poesia, o leitor encontra nesta edição “Ocupação: o ato de escrita na poesia de Ana Cristina Cesar”, cuja autoria é de Julia Pasinato Izumino. O ensaio traça um percurso significativo sobre a pluralidade poética da escritora, analisando a relação consciente de sua estética no que diz respeito às articulações de forma e conteúdo, bem como da recepção lírica. De acordo com Izumino, é possível observar como a figuração do gesto de escrita modula, do ponto de vista temático, suas experiências sensoriais e existenciais, tais como dor, desejo, solidão e recusa com uma estética em que o gesto da palavra implica a retirada do fluxo temporal da fala e sua impregnação em circunstâncias tipológicas diversas, seja na poesia essencialmente, seja na prosa, no diário ou na vertente epistolar.

“Câmara de Eco”, décimo ensaio da seção, assinado por Sheyla Miranda, apresenta um exame sobre o ritmo na poesia de Mirta Rosenberg, poetisa argentina. O trabalho, além de delinear algo do contexto de produção da obra, presta-se à divulgação da autora, quase desconhecida no Brasil. No ensaio seguinte, “A ‘Fuga da Morte’ de Paul Celan em análise”, temos uma tradução (feita diretamente do alemão) do poema “Todesfuge”, de Paul Celan, e a análise atenta de Rafael Rocca, cujo ponto de partida remonta ao contexto histórico em que Celan viveu e escreveu – a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto – no intuito de observar as maneiras pelas quais o horror do extermínio de

judeus operado pelo regime nacional-socialista alemão e a chamada “culpa dos sobreviventes” estruturam e mobilizam as imagens, a métrica e a forma de “Todesfuge”.

Já Andréa Jamilly Rodrigues Leitão, autora de “As figurações do cerceamento nos textos de Samuel Beckett e de Hilda Hilst”, interpreta as figurações do cerceamento em espaços enclausurados, a partir do diálogo entre a narrativa *O despovoador* (1970), de Samuel Beckett, e o texto dramático *As aves da noite* (1968), de Hilda Hilst. Partindo das semelhanças entre os textos – que perfazem experiências de extrema violência, repressão e desamparo –, a autora procura analisar a potente complexidade criativa que demanda novas formas de encarar a natureza do discurso ficcional. Também discorrendo sobre Beckett, em “‘That sound you hear is the sea’: Embers e a peça radiofônica de Samuel Beckett”, Carla Lento Faria investiga com atenção o trabalho do dramaturgo com diferentes mídias, sobretudo como Beckett experimenta e problematiza os meios da transmissão radiofônica para produzir ambiguidades e adensar os conflitos entre personagem e narrador na peça *Embers*.

Na sequência dos *Ensaios de curso* de Cleiton Oliveira da Silva propõe a análise do primeiro longa-metragem dirigido por Glauber Rocha, nome maior do Cinema Novo brasileiro. No ensaio, intitulado “Experiência *Barravento*, entre tese e forma”, Silva indica que há uma ambiguidade fundamental na obra cinematográfica de Glauber Rocha, advinda, por um lado, da visão política radical e revolucionária e, por outro, da contemplação antropológica da experiência de um povoado localizado no litoral da Bahia onde se passa o filme. Giulia Falcone de Lourenço mostra ao leitor, no artigo “O luxo nas tramas da Revolução”, a partir de dois quadros de Jacques-Louis David, os diferentes papéis que o luxo desempenhou na cultura francesa, de recurso de poder a corrupção do gosto após a instituição da República. “Análise do filme *Un film comme les autres* do grupo Dziga Vertov”, escrito por Marcela Azeredo Santos Fleury, traz um exame do primeiro filme de criação coletiva do grupo fundado por Jean-Luc Godard e Jean-Pierre Gorin no intuito de observar como, no contexto político e social de 1968, o processo produtivo cinematográfico torna-se uma questão central.

Finalizando o segundo segmento deste número de *Magma*, “A nordestina como objeto estético”, assinado por Adilma Secundo Alencar, examina a figura do narrador de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, levando em consideração os movimentos internos da narrativa e como eles colaboram para compreender a construção conjunta e entrelaçada da voz narrativa de Rodrigo S.M. e sua personagem e criatura, Macabéa.

*

Magma apresenta também um pequeno fragmento lembrando o evento “Voz do Escritor” organizado pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC) e que ocorreu em novembro de 2019, no Auditório Milton Santos, na Faculdade de História e Geografia da USP. Na ocasião, o “Voz do Escritor” contou com a participação de dois nomes importantes da cena literária atual, Noemi Jaffe e Michel Laub, que debateram com os alunos da graduação de Letras aspectos sobre o romance, particularmente da produção contemporânea brasileira. Para esta edição, os escritores, muito gentilmente, cederam trechos de suas respectivas obras, reproduzidas na seção que leva o nome do evento. Registramos aqui o agradecimento a Jaffe e a Laub por atenderem os pedidos da revista. Agradecemos ainda à Gisele Novaes Frighetto e à Fabiane Secches que, na ocasião do evento, fizeram as respectivas apresentações dos escritores, e também autorizaram a reprodução de seus textos aqui.

*

A seção *Criação* deste número traz poemas inéditos de Júlia Zuza, Thiago dos Santos Martiniuk, Wesley Almeida e Lucas Limberti, além de duas pequenas prosas de Ranny Cabrera e um conto breve de Natasha Belfort Palmeira.

*

Nesta edição, a *Magma* traz aos leitores interessante síntese de Šárka Grauová, professora de literaturas de língua portuguesa da Universidade Carolina, em Praga, sobre a recepção e tradução da literatura brasileira na República Tcheca, de 1930 até os dias atuais. Em uma recente passagem ao Brasil, em agosto passado, para eventos em homenagem à tradutora Pavla Lidmilová e as traduções da literatura brasileira ao tcheco, Grauová aceitou o convite da Comissão para nos presentear nesta edição com parte de sua última pesquisa sobre literatura brasileira. Professora e tradutora, Grauová apresenta em seu texto tiragens de autores brasileiros que causam espanto ainda hoje (uma edição de *O cortiço* de 1951, por exemplo, contou com 63 mil exemplares), mas também discute o amadorismo que grassou entre tradutores tchecos do português, bem como o papel de Pavla Lidmilová na mudança desse cenário. Entre autores brasileiros e tradutores tchecos, a autora ainda nos traz uma parte da história da atual República Tcheca no decorrer do século XX.

*

A capa deste número é assinada por Diego Limberti, artista plástico e designer de São Paulo, que se inspirou na leitura do texto de Edu Teruki sobre Antonio Candido que abre a revista.

Esperamos que todos aproveitem a edição.

Boa leitura!

Comissão Editorial 

SUMÁRIO

TEXTO DE ABERTURA

- 25 Crítica fora do esquadro: homenagem a Antonio Candido
EDU TERUKI OTSUKA

ENSAIOS DE CURSO

- 37 “O romance vendeu a sua alma”: dimensões estética e histórica na crítica de Antonio Candido
DANIEL ESSENINE TAKAMATSU ARANTES
- 49 “Leia na minha camisa”: alguns apontamentos sobre “Baby” (1968), de Caetano Veloso
MÁRCIA CRISTINA FRÁGUAS
- 61 Desencanto e utopia em *Quarup*, de Antonio Callado
ADELINE ALVES VASSAITIS
- 83 Antonio Candido, leitor de Machado de Assis: nacionalismos e romantismos
GUILHERME BELTRAMIN DE FARIA RODRIGUES
- 95 Narrador desconfiado, consciência hesitante: a experiência de *Os embaixadores* de Henry James
GABRIEL GIMENES DE GODOY
- 125 Aproximações: o pensamento de Walter Benjamin ecoando no romance *2666*, de Roberto Bolaño
ANTÔNIO CARLOS SILVEIRA XERXENESKY
- 135 Tonio Kröger, um burguês nostálgico
LUCAS FERNANDO CALDEIRA DE OLIVEIRA

- 149 Ocupação: o ato de escrita na poesia de Ana Cristina Cesar
JULIA PASINATO IZUMINO
- 171 Câmara de eco: notas sobre o ritmo na obra poética de Mirta Rosenberg
SHEYLA M. V. MIRANDA
- 185 Experiência *Barravento*, entre tese e forma
CLEITON OLIVEIRA DA SILVA
- 199 Prenda que se ganha em lamento
MARCELO FREITAS FERREIRA DE OLIVEIRA
- 213 A “Fuga da Morte” de Paul Celan em análise
RAFAEL ROCCA DOS SANTOS
- 225 O contracanto de Stela do Patrocínio
BRUNA BEBER
- 235 As figurações do cerceamento nos textos de Samuel Beckett e de Hilda Hilst
ANDRÉA JAMILLY RODRIGUES LEITÃO
- 259 “That sound you hear is the sea”: *Embers* e a peça radiofônica de Samuel Beckett
CARLA LENTO FARIA
- 273 O luxo nas tramas da Revolução
GIULIA FALCONE DE LOURENÇO
- 281 Análise do filme *Un film comme les autres* do grupo Dziga Vertov
MARCELA AZEREDO SANTOS FLEURY
- 293 A nordestina como objeto estético
ADILMA SECUNDO ALENCAR

VOZ DO ESCRITOR

- 309 Apresentação
REVISTA MAGMA
- 311 A literatura de memória, identidade e perda de Michel Laub
GISELE NOVAES FRIGHETTO
- 317 *Diário da queda* (trechos)
MICHEL LAUB
- 319 Um tesouro da literatura em português
FABIANE SECCHES
- 321 "Sobre meu ombro" (trecho)
NOEMI JAFFE

TRADUÇÃO

- 327 Literatura Brasileira na República Tcheca: traduções
ŠÁRKA GRAUOVÁ

CRIAÇÃO

- 343 "Brinde"
JÚLIA ZUZA
- 344 Dois poemas de Thiago dos Santos Martiniuk
THIAGO DOS SANTOS MARTINIUK
- 346 Três poemas de Wesley Almeida
WESLEY ALMEIDA

350 Dois poemas de Lucas Limberti
LUCAS LIMBERTI

354 Dois contos de Ranny Cabrera
RANNY CABRERA

356 "a casa Adágio"
NATASHA BELFORT PALMEIRA